

Traduzindo *Mondo*, de Jean-Marie-Gustave Le Clézio

Germana Henriques Pereira de Sousa¹

Resumo: *Trata-se de propor uma tradução do conto Mondo, de J.-M.-G. Le Clézio, que leve em conta os aspectos fundamentais da estrutura literária do relato: a tensão entre as fronteiras que separam o espaço mítico e o espaço geográfico, plasmada na forma literária pela atemporalidade e circularidade da narrativa cujo tempo verbal é o imperfeito, pela focalização da consciência do personagem-criança, pela linguagem da infância mostrada dentro da sua complexa simplicidade, pela presença dos elementos da natureza.*

Palavras-chave: *tradução literária, literatura francesa, errância e nomadismo.*

Breve apresentação do autor traduzido

Jean-Marie-Gustave Le Clézio dispensa hoje apresentação, após ter sido laureado com o prêmio Nobel de Literatura, em 2008. Todavia, ainda pouco conhecido e traduzido no Brasil, vale informar ao leitor, embora sucintamente, os pontos fortes dessa obra extensa, que abrange ensaios, romances, e histórias infantojuvenis. Reputado por seu interesse pelas culturas distantes, Le Clézio consegue fugir do pitoresco e do exotismo apelativos focando sua literatura na conflituosa relação com o outro do Ocidente.

A leitura da obra de Le Clézio revela-se, assim, um meio potente de dar a conhecer o outro por meio de uma escritura excepcionalmente voltada para outras culturas e genuinamente interessada em indagar acerca

¹ Agradeço aos meus alunos de prática de tradução literária, na UnB, pelo estímulo e pelas contribuições inteligentes para a leitura e tradução de diversas obras da literatura francesa.

do destino das populações historicamente dominadas pelo imperialismo ocidental. Apesar de nascido e educado na França, e de ter família de origem francesa, o autor reivindica o pertencimento às Ilhas Maurício onde viveu seu avô aventureiro, Alexis, personagem de *Le chercheur d'or*.

Há, na obra romanesca de Le Clézio, a repetição de um mesmo padrão narrativo na construção de personagens que rejeitam o enquadramento e o modo de vida ocidentais, partindo em busca da compreensão de uma linguagem de comunicação diversa daquela que conhecem e que é insuficiente para compreender o mundo a sua volta. Existe também a recorrência de um confronto entre o mundo ocidental, representado pelas cidades e pela sociedade tecnicista e industrial, e outros espaços situados nas fronteiras entre um mundo mítico, onírico, e um mundo habitado pelas sociedades primitivas, coincidindo geograficamente com as terras de países do chamado *terceiro mundo*.

Mondo et autres histoires, um livro de contos publicado originalmente em 1978², apresenta, numa narrativa poético-mítica, personagens fugitivos ou abandonados, crianças e pré-adolescentes, que tentam encontrar seu lugar, buscando escapar da sociedade de consumo e da sociedade vigiada e controlada das cidades. A epígrafe da obra é um trecho de *Sinbad, o marujo*, história de aventuras, extraída de *As mil e uma noites*, o que coloca a obra inteira num devir - espaço de aventura, mas também de magia.

Nos oito contos que fazem parte da recolha (*Mondo, Lullaby, La montagne du dieu vivant, La roue d'eau, Celui qui n'avait jamais vu la mer, Hazaran, Peuple du ciel, Les bergers*), os personagens-crianças, andarilhos e contemplativos, sem vínculo familiar sólido, vivem em situação de confronto e, muitas vezes, de desespero pela falta de lugar, enveredando pelo caminho da errância, não pelo gozo egocêntrico da errância, mas pela busca do contato pleno com a natureza, da qual os homens das cidades ocidentais vivem afastados.

Existe nos contos de *Mondo et autres histoires* uma tensão entre as fronteiras que separam o espaço mítico e o espaço geográfico, plasmada na forma literária pela atemporalidade da narrativa cujo tempo verbal é o imperfeito, o tempo do mito, pela circularidade da narrativa, pela focalização da consciência do personagem-criança, pela linguagem da infân-

² Edição usada para esta tradução, LE CLEZIO, J. M. G. *Mondo et autres histoires*. Paris: Gallimard, Coll. Folioplus Classiques, 2006. pp. 08-74.

cia mostrada dentro da sua complexa simplicidade, pela presença dos elementos da natureza apresentados por meio de quadros descritivos das paisagens de absoluto - o mar, o deserto, a montanha, lugares onde ainda se fazem presentes a importância simbólica dos elementos: ar (vento), terra, água, fogo e de seus derivados, a luz e o ciclo dos dias - noite/dia, sol/lua. As cidades são o lugar frio da lei, da ordem, no qual não há mais lugar para o sonho, a aventura, as histórias míticas. Trata-se de um lugar obsedante, abrigando o horror, a violência, a falta de amor, o abandono, enfim, o mundo de onde a natureza e o sagrado se ausentaram, para ceder espaço às máquinas e à vida administrada.

O personagem lecleziano, não só em *Mondo*, mas também em seus romances, parte em busca de um espaço de criação. O personagem-criança, por meio de um processo iniciático, redescobre novos modos de ver o mundo por meio do silêncio, da fusão com a natureza e seus elementos primordiais, respeitando os ciclos da terra (nascimento, morte, dia, noite, estações). Trata-se de um universo onde *les enfants sont rois* (Konaté, 2006³). A obra mostra a relação de Mondo com os elementos da natureza, mas também com a aprendizagem das letras. O conhecimento do mundo, e da natureza, passa também pelo aprendizado da leitura, que é a leitura do mundo. Daí a inscrição do nome próprio com os seixos da praia, para deixar uma marca de sua própria existência.

A tradução apresentada a seguir é realizada a partir de dois excertos extraídos do conto *Mondo*. O primeiro trecho a ser traduzido é o *incipit* e o segundo é o epílogo, que mostra a cidade após a partida de Mondo. As duas pontas do conto, o começo e o fim, são os pontos altos da narrativa, descrevendo o antes e o depois da passagem de Mondo - que passa por ali como um cometa, deixando rastros. Ao trecho em francês, seguir-se-ão a tradução e alguns comentários.

Texto original e tradução comentada

Primeiro trecho: *Incipit*: pp. 11-12.

Personne n'aurait pu dire d'où venait Mondo. Il était arrivé un jour, par hasard, ici dans notre ville, sans qu'on s'en aperçoive, et puis

³ KONATE, Christophe-Édouard. Dossier "Le texte en perspective". In: LE CLEZIO, J. M. G. *Mondo et autres histoires*. Paris: Gallimard, Coll. Folioplus Classiques, 2006. pp. 08-74.

on s'était habitué à lui. C'était un garçon d'une dizaine d'années, avec un visage tout rond et tranquille, et de beaux yeux noirs un peu obliques. Mais c'était surtout ses cheveux qu'on remarquait, des cheveux brun cendré qui changeaient de couleur selon la lumière, et qui paraissaient presque gris à la tombée de la nuit.

On ne savait rien de sa famille, ni de sa maison. Peut-être qu'il n'en avait pas. Toujours, quand on ne s'y attendait pas, quand on ne pensait pas à lui, il apparaissait au coin d'une rue, près de la plage, ou sur la place du marché. Il marchait seul, l'air décidé, en regardant autour de lui. Il était habillé tous les jours de la même façon, un pantalon bleu en denim, des chaussures de tennis, et un T-shirt vert un peu trop grand pour lui.

Quand il arrivait vers vous, il vous regardait bien en face, il souriait, et ses yeux étroits devenaient deux fentes brillantes. C'était sa façon de saluer. Quand il y avait quelqu'un qui lui plaisait, il l'arrêtait et lui demandait tout simplement:

« Est-ce que vous voulez m'adopter? »

Et avant que les gens soient revenus de leur surprise, il était déjà loin. Qu'est-ce qu'il était venu faire ici, dans cette ville? **Peut-être qu'il était arrivé après avoir voyagé longtemps dans la soute d'un cargo**, ou dans le dernier wagon d'un train de marchandises qui avait roulé lentement à travers le pays, jour après jour, nuit après nuit. Peut-être qu'il avait décidé de s'arrêter, quand il avait vu le soleil et la mer, les villas blanches et les jardins de palmiers. Ce qui est certain, c'est qu'il venait de très loin, de l'autre côté des montagnes, de l'autre côté de la mer. Rien qu'à le voir, on savait qu'il n'était pas d'ici, et qu'il avait vu beaucoup de pays. Il avait ce regard noir et brillant, cette peau couleur de cuivre, et cette démarche légère, silencieuse, un peu de travers, comme les chiens. Il avait surtout une élégance et une assurance que les enfants n'ont pas d'ordinaire à cet âge, et il aimait poser des questions étranges qui ressemblaient à des devinettes. Pourtant, il ne savait pas lire ni écrire.

Quand il est arrivé ici, dans notre ville, c'était avant l'été. Il faisait déjà très chaud, et il y avait chaque soir plusieurs incendies sur les collines. Le matin, le ciel était invariablement bleu, tendu, lisse, sans un nuage. Le vent soufflait de la mer, un vent sec et chaud qui desséchait la terre et attisait les feux. C'était un jour de marché. Mondo est arrivé sur la place, et il a commencé à circuler entre les camionnettes bleues des maraîchers. Tout de suite il a trouvé du travail, parce que les maraîchers ont toujours besoin d'aide pour décharger leurs cageots.

Mondo travaillait pour une camionnette, puis, quand il avait fini, on lui donnait quelques pièces et il allait voir une autre camionnette. Les gens du marché le connaissaient bien. Il venait sur la place de bonne heure, pour être sûr d'être engagé, et quand les camionnettes bleues commençaient à arriver, les gens le voyaient et criaient son nom:

« Mondo ! Oh Mondo ! »⁴

Tradução do primeiro trecho

Ninguém poderia dizer de onde vinha Mondo. Chegara um dia, por acaso, aqui em nossa cidade, sem que percebêssemos e, depois, ficamos acostumados com ele. Era um menino de uns dez anos, rosto redondo e tranquilo e belos olhos negros meio oblíquos. Mas eram sobretudo seus cabelos que chamavam atenção, cabelos negro-acizentados que mudavam de cor conforme a luz e que pareciam quase cinzentos ao cair da noite.

Nada sabíamos de sua família ou de sua casa. Talvez não tivesse. Sempre, quando menos se esperava, quando menos se pensava nele, Mondo aparecia num canto de rua, na praia ou na praça do mercado. Andava sozinho, ar decidido, olhando em volta. Vestia-se todos os dias do mesmo modo: calças de brim azul, tênis e uma camiseta verde grande demais para ele.

Quando se aproximava de alguém, olhava bem de frente, sorria, e seus olhos estreitos tornavam-se duas fendas brilhantes. Era o seu modo de cumprimentar. Quando simpatizava com alguém, parava e perguntava-lhe simplesmente:

"Quer me adotar?".

E antes que as pessoas se recuperassem da surpresa, Mondo já estava longe.

O que teria vindo fazer aqui nessa cidade? **Talvez tivesse chegado depois de muito viajar no porão de um navio cargueiro ou no último vagão de um trem de mercadorias que atravessara lentamente o país,** dia após dia, noite após noite. Talvez tivesse decidido parar aqui quando vira o sol e o mar, as *villas* brancas e as palmeiras nos jardins. O certo é que vinha de muito longe, do outro lado das montanhas, do outro lado do mar. Só de olhar para ele, dava para perceber que não era daqui e que

⁴ A tipografia da edição em francês foi mantida, na medida do possível.

andara por vários países. Tinha aquele olhar negro e brilhante, aquela pele acobreada e aquele andar leve e silencioso, um pouco atravessado, como o dos cães. Tinha sobretudo uma elegância e uma segurança que as crianças não têm comumente nessa idade, e gostava de fazer perguntas estranhas, que pareciam adivinhações. No entanto, não sabia ler nem escrever.

Quando chegou aqui, em nossa cidade, era antes do verão. Já fazia muito calor, e toda noite, vários trechos das colinas pegavam fogo. De manhã, o céu estava invariavelmente azul, esticado, liso, sem uma nuvem. O vento soprava do mar, um vento seco e quente que ressecava a terra e atiçava o fogo. Era um dia de feira. Mondo apareceu na praça e começou a circular por entre as caminhonetes azuis dos feirantes. Logo arranjou trabalho, porque os verdureiros sempre precisavam de uma mão para descarregar os caixotes.

Mondo descarregava uma caminhonete e, quando terminava, recebia alguns trocados e ia ver outra. As pessoas da feira conheciam bem o garoto. Chegava na praça cedinho para ter certeza de arranjar trabalho e quando as caminhonetes azuis começavam a chegar, as pessoas o viam e começavam a chamar seu nome:

"- Mondo! Ei Mondo!"

Comentários da tradução

O incipit é o ponto forte da obra, momento em que o narrador-testemunha, na primeira pessoa do plural, "nous", revelada pelo possessivo "notre", e pelo pronome pessoal "on", relata a passagem meteórica, porém transformadora, de Mondo numa cidade mediterrânea. O título da obra e dessa *estória*, como diria Guimarães Rosa, é o nome próprio do garoto de dez anos, menino de rua, que erra de cidade em cidade, fugindo das instituições públicas que querem impor-lhe um *lar*.

Uma das maiores dificuldades da tradução desse trecho é a do pronome "on", partícula que em francês pode ter um valor de primeira pessoa do plural, "nós", de indeterminador do sujeito, "se", mas que também pode, em alguns casos, substituir "je" (eu), "vous", "tu" ("você", "a senhora", "o senhor", na pessoa de tratamento).

Aqui o pronome "on" ganha uma duplicidade, ao mesmo tempo em que reforça e remete à primeira pessoa do plural, "nous", e aos respectivos pronomes de primeira pessoa do plural, como o possessivo *notre*, que inclui o narrador como testemunha dos fatos, já que pertence à cidade, o prono-

me "on" remete igualmente a um indeterminador, esse "nous" é também um "on", ou seja, as pessoas, os habitantes da cidade de modo geral. Em português, deve-se fazer uma escolha, ou o tradutor procura reforçar o estatuto do narrador como testemunha e colocar o discurso narrativo na primeira pessoa do plural, "nós" - a pessoa que narra, viu e participou dos fatos associando-se ao conjunto da cidade na pessoa do plural -, ou o tradutor destaca a impessoalidade do sujeito indeterminado para se contrapor ao testemunho do narrador, em qual caso, este perde força. A escolha feita aqui foi a de aderir ao ponto de vista do narrador testemunha, procurando atenuar a artificialidade da primeira pessoa do plural em português do Brasil.

Outro ponto que merece reflexão para verter o conto em português diz respeito à sua estrutura narrativa. Como já foi dito anteriormente, o imperfeito do indicativo é o tempo privilegiado da narrativa, juntamente com o mais-que-perfeito (*imparfait, plus-que-parfait de l'indicatif*), que, de acordo com Evrard e Tenet (1994), seria a forma composta do imperfeito. O imperfeito substitui-se na narrativa, ao *passé simple*, o pretérito perfeito, que é o tempo clássico do relato (*récit*), plasmando uma ação transcorrida no passado, e distanciando o ponto de vista -; é o tempo da ação acabada no passado. O imperfeito, ao contrário, é o tempo que traduz o **durativo**, a continuidade. Porém, em *Mondo*, vai além de servir apenas para *montar o cenário* no qual as ações acontecerão; no conto lecleziano, torna-se o próprio **tempo da narrativa**. O autor faz isso em quase toda a sua obra e não apenas nos contos de *Mondo*. Com esse artifício, foge ao **sistema da narrativa**, no *passé simple* e desloca a temporalidade. Com efeito, segundo Evrard e Tenet (1994, p. 26), a temporalidade transforma o relato num "sonho acordado, uma visão de limites imprecisos, uma vez que somos [nós, leitores] levados pelo turbilhão de uma consciência que lembra e fala do longínquo" (tradução de Germana H. P. de Sousa)⁵.

Em português, o uso do pretérito perfeito parece impor-se, o imperfeito, nesse caso, parecendo por demais artificial, provocando até certo efeito "desajeitado" na narrativa. O primeiro impulso do tradutor é o de substituir o imperfeito pelo perfeito, logicamente. Porém, isso representaria abandonar a intenção do texto de colocar a narrativa numa circularidade e não numa temporalidade histórica. A *estória* de *Mondo* conta um fato pontual, a vida de um menino de rua; mas vista de outro modo, conta

⁵ [rêve éveillé, de vision aux limites imprécises, puisque nous sommes entraînés dans le tourbillon d'une conscience qui se souvient et parle du lointain]

as histórias de todos os meninos abandonados, reais e mitológicos. Talvez por isso ele se chame *Mondo*. Manter o imperfeito como tempo do relato representa um *tour de force* para o tradutor, como se vê nos exemplos marcados em negrito no texto vertido para o vernáculo. Foi mantida também a relação imperfeito/mais-que-perfeito. No trecho negritado, o uso de "talvez" exige, em português, o imperfeito do subjuntivo, em vez do indicativo, como em francês.

Ressalte-se, ainda, nesse excerto, a metáfora usada para descrever o céu (*Le matin, le ciel était invariablement bleu, tendu, lisse, sans un nuage*): "tendu, lisse" remete à imagem de um pano "esticado", liso, sem dobras, ou seja, o céu estava azul, límpido, sem nuvens. O trecho foi vertido da seguinte forma: "De manhã, o céu estava invariavelmente azul, esticado, liso, sem uma nuvem". Manteve-se a imagem do pano esticado, mais incomum.

Segundo trecho: Epílogo: pp. 69 a 74

Quand Thi Chin avait ouvert, il était entré, presque de force, et il avait regardé à l'intérieur de la grande salle.

« Votre Mondo », commençait-il.

« Que lui est-il arrivé? » demandait Thi Chin. Elle était encore plus pâle que l'autre jour, et ses yeux étaient levés vers le visage du policier avec crainte.

« Il est parti. »

« Parti? »

« Oui, parti, disparu. Evaporé ! »

Par-dessus la tête de Thi Chin, le policier scrutait l'intérieur de la maison.

« Vous ne l'avez pas vu? Il n'est pas venu ici? »

« Non ! » criait Thi Chin.

« Il a mis le feu à son matelas, dans l'infirmerie, et il a profité de l'affolement pour filer. Je pensais que vous l'aviez peut-être vu passer? »

« Non ! Non ! » criait encore Thi Chin. Maintenant ses yeux étroits brillaient de colère. Le commissaire reculait devant elle.

« Ecoutez, je suis venu tout de suite vous avertir. Il faut retrouver ce gaiçon avant qu'il ne fasse d'autres bêtises. »

Le commissaire redescendait les marches du perron en demi-lune.

« S'il revient chez vous, prévenez-moi ! »

Il s'en allait déjà sur le chemin de gravier, vers le portail.

« Je vous ai dit l'autre jour. C'est un sauvage! »

Thi Chin ne bougeait pas, sur le seuil. Ses yeux s'emplissaient de larmes et sa gorge était si serrée qu'elle n'arrivait plus à respirer.

« Vous n'avez rien compris, rien! » Elle parlait à voix basse, pour elle-même, tandis que le commissaire de police repoussait le portail et descendait à grands pas le chemin d'escaliers vers sa voiture noire.

Alors Thi Chin s'asseyait sur les marches blanches, et elle restait immobile longtemps, sans regarder la lumière d'or qui était en train d'emplir la grande salle vide, sans écouter le bruit strident du criquet caché.

Elle pleurait un peu, sans même s'en apercevoir, et les larmes coulaient goutte à goutte au bout de son nez et tombaient sur son tablier bleu. Elle savait que l'enfant aux cheveux couleur de cendres ne reviendrait pas, ni demain ni les autres jours. L'été allait commencer maintenant, et pourtant c'était comme s'il faisait froid. Tous, ici, dans notre ville, nous avons senti cela. Les gens continuaient d'aller et venir, de vendre et d'acheter, les autos continuaient à rouler dans les rues et les avenues, en faisant beaucoup de bruit avec leur moteur et leur klaxon. De temps en temps, dans le ciel bleu, un avion passait en laissant derrière lui un long sillage blanc. Les mendiants continuaient à mendier, dans les coins de murs, à la porte de la mairie et des églises. Mais ce n'était plus pareil. C'était comme s'il y avait un nuage invisible qui recouvrait la terre, qui empêchait la lumière d'arriver tout entière.

Les choses n'étaient plus les mêmes. D'ailleurs, quelque temps plus tard, le Gitan s'était fait arrêter par la police, un jour où on s'était aperçu qu'il prestidigitait aussi dans les poches des passants. Le Cosaque était un ivrogne, qui n'était pas même cosaque, puisqu'il était né en Auvergne. Giordan le Pêcheur cassait ses lignes sur les brise-lames, et il n'irait jamais en Erythrée, ni ailleurs. Le vieux Dadi était enfin sorti de l'hôpital, mais il n'avait jamais retrouvé ses colombes, et à leur place il avait acheté un chat. Le peintre du dimanche n'avait pas réussi à peindre le ciel, et il avait recommencé à dessiner des marines et des natures mortes, et le petit garçon du jardin public s'était fait voler son beau tricycle rouge. Quant au vieil homme au visage d'Indien, il avait continué à ratisser son morceau de plage, sans partir pour les rives du Gange. Au bout de sa longe, attaché à l'anneau rouillé du quai, le bateau *Oxyton* était resté tout seul à se dandiner sur l'eau du port, au milieu des nappes de gasoil, sans personne qui vînt s'asseoir à sa poupe pour lui chanter une chanson.

Les années, les mois et les jours passaient, maintenant sans Mondo, car c'était un temps à la fois très long et trop court, et beaucoup de gens, ici, dans notre ville, attendaient quelqu'un sans oser le dire. Sans s'en rendre compte, souvent, nous l'avons cherché dans la foule, au coin des rues, devant une porte. Nous avons regardé les galets blancs de la plage, et la mer qui ressemble à un mur. Puis nous avons un peu oublié.

Un jour, longtemps après, la petite femme vietnamienne marchait dans son jardin, en haut de la colline.

Elle s'asseyait sous le massif de laurier-sauce où il y avait beaucoup de moustiques tigrés qui dansaient dans l'air, et elle avait ramassé un drôle de caillou poli par l'eau de mer. Sur le côté du galet, elle avait vu des signes gravés, à demi effacés par la poussière. Avec précaution, et le cœur battant un peu plus vite, elle avait essuyé la poussière avec un coin de son tablier et elle avait vu deux mots écrits en lettres capitales maladroitement:

TOUJOURS BEAUCOUP

Tradução do epílogo

Quando Thi Chin abriu a porta, ele entrou, quase à força, e olhou para dentro do salão.

- Seu tal Mondo... - começou.

- O que aconteceu com ele? - perguntava Thi Chin. Estava ainda mais pálida do que no outro dia, e erguia seus olhos assustados para o rosto do policial.

- Ele foi embora.

- Embora?

- É, foi embora, sumiu. Evaporou-se!

Por cima da cabeça de Thi Chin, o policial sondava o interior da casa.

- A senhora não o viu? Ele não veio aqui?

- Não! - gritava Thi Chin.

- Ele pôs fogo no colchão, na enfermaria, e aproveitou-se da confusão para fugir. Pensava que a senhora talvez o tivesse visto...

- Não! Não! - gritava ainda Thi Chin. Agora seus olhos estreitos brilhavam de raiva. O delegado recuava diante dela.

- Veja bem, vim imediatamente avisar à senhora. Temos que encontrar esse garoto antes que ele faça mais besteiras.

O delegado descia novamente os degraus da entrada em meia-lua.

- Se ele voltar aqui, não deixe de me avisar.

Já estava indo pelo caminho de cascalho, em direção ao portão.

- Eu disse a senhora naquele dia. É um selvagem!

Thi Chin não se mexia, na soleira da porta. Seus olhos se enchiam de lágrimas e sua garganta estava tão apertada que não conseguia respirar.

- O senhor não entendeu nada, nada! - dizia em voz baixa, para si mesma, enquanto o delegado empurrava o portão e descia de dois em dois os degraus da escada em direção à viatura.

Então Thi Chin se sentava nos degraus brancos, e ficava imóvel muito tempo, sem olhar a luz dourada que estava enchendo a grande sala vazia, sem ouvir o barulho estridente vindo do grilo em seu esconderijo.

Chorava um pouco, sem nem perceber, e as lágrimas escorriam gota a gota pela ponta de seu nariz e caíam no avental azul. Sabia que o menino de cabelos acinzentados não voltaria mais, nem amanhã, nem nos dias seguintes. O verão iria começar agora e, no entanto, era como se fizesse frio. Todos, aqui, em nossa cidade, sentimos isso. As pessoas continuavam a ir e vir, a vender e comprar, os automóveis continuavam a rodar nas ruas e avenidas, fazendo muito barulho com seus motores e buzinas. De vez em quando, no céu azul, um avião passava deixando atrás de si um longo rasto branco. Os mendigos continuavam a mendigar, nas esquinas, na porta da prefeitura e das igrejas. Mas nada era como antes. Era como se houvesse uma nuvem invisível que cobrisse a terra e que impedisse a luz de chegar inteira.

As coisas não eram mais as mesmas. Aliás, algum tempo depois, o Cigano fora preso pela polícia, num dia em que perceberam que ele prestidigitava também nos bolsos dos passantes. O Cossaco era um bêbado e nem era um cossaco de verdade, porque nascera na Auvérnia. Giordano, o Pescador, arrebatava as linhas de pescar no quebra-mar, e não iria mais à Eritrêia nem a lugar algum. O velho Dadi saíra enfim do hospital, porém jamais reencontrara suas pombas e comprara um gato no lugar delas. O pintor dos domingos não conseguira pintar o céu, e recomeçara a desenhar marinhas e naturezas mortas, e o menino do parque teve o seu triciclo vermelho roubado. E o homem velho com cara de indiano continuara a rastelar seu pedaço de praia, sem ir para as margens do Ganges. Na ponta da corda, amarrada à argola enferrujada do cais, o barco *Oxyton* ficara sozinho gingando desajeitado na água do porto, em meio às manchas de

óleo *diesel*, sem ninguém para vir se sentar em sua popa e cantar-lhe uma canção.

Os anos, os meses e os dias passavam, agora sem Mondo, pois era um tempo muito longo e muito curto, e várias pessoas, aqui, em nossa cidade, esperavam alguém sem ousar confessá-lo. Sem percebermos, muitas vezes, procuramos por ele na multidão, num canto de rua, diante de uma porta. Olhamos os seixos brancos da praia e o mar que parece um muro. Depois, esquecemos um pouco.

Um dia, muito tempo depois, a pequena mulher vietnamita estava caminhando no jardim de sua casa, no alto da colina. Sentava-se embaixo do pé de louro onde havia mosquitos tigrados que dançavam no ar e apanhara um estranho seixo polido pela água do mar. No lado achatado do seixo vira sinais gravados, meio apagados pela poeira. Com cuidado, e com o coração batendo mais depressa, limpava o pó com uma ponta do avental e vira duas palavras rabiscadas em letras maiúsculas:

SEMPRE MUITO.

Comentários da tradução

O último trecho é aquele que encerra um ciclo da narrativa, com a prisão e a fuga de Mondo, novamente entregue à errância. A recusa do enquadramento à sociedade gregária, regida por leis, impele Mondo mais uma vez ao nomadismo. O menino é retirado das ruas pelo poder público, cuja função, em princípio, é zelar pelo bem-estar das crianças. Todavia, no conto, o serviço social para proteção de menores é associado à carrocinha que prende os cães abandonados, chamada por Mondo, de *Ciapacan*, espécie de bicho-papão dotado de poderes mágicos. Depois que o "*Ciapacan* das crianças" pega Mondo, a cidade perde a aura de magia, e retorna ao lugar dessacralizado que lhe cabe, aquele da opressão oriunda das leis feitas por homens que não se lembram mais do tempo em que observavam o céu, sem instrumentos, sentados em volta de uma fogueira.

O epílogo é marcado pelo diálogo doloroso entre Thi Chin, a mulher que acolhera Mondo e o delegado de polícia, que queria retirá-lo das ruas para protegê-lo, ao modo ocidental. Thi Chin é ora chamada de "pequena mulher chinesa", no ponto de vista do delegado, ora de "pequena mulher vietnamita", segundo o ponto focal do narrador, que sabe de sua origem verdadeira. O diálogo entre os dois é tomado pelo tom melancólico do

narrador que testemunhou também a cidade sem Mondo - "desmondizada", desumanizada.

Nota-se aqui, no primeiro trecho destacado, a narração alternando imperfeito e mais-que-perfeito do indicativo, como sublinhado acima. A alternância segue por todo o trecho, deixando no ar a pergunta: Mondo voltará um dia?. A pergunta poderá ser respondida pelas palavras gravadas no seixo da praia "SEMPRE MUITO". O círculo da narrativa se fecha, mas deixa uma brecha para o sonho. O imperfeito também marca nesse trecho a repetição, talvez Thi Chin tivesse sentado no jardim muitas vezes à espera de Mondo ("Sentava-se embaixo do pé de louro onde havia mosquitos tigrados que dançavam no ar e apanhara um estranho seixo polido pela água do mar").

Outra marca desse trecho é, ainda, a sucessão das falas, discurso citado pelo narrador-testemunha que aí amplia seu ponto focal para uma onisciência, embora mantenha o equilíbrio da narrativa pelo uso do imperfeito e pelas aspas em vez de travessões.

Pode-se dizer, a partir disso, que a tradução da obra de Le Clézio requer certa habilidade do tradutor no trato com a estrutura da narrativa e o equilíbrio da correlação dos tempos verbais. Ainda há muito que ser feito para dar a conhecer este autor no Brasil. Espera-se que ele desperte o desejo de aventura que é cerne de toda tradução.

Referências

LE CLEZIO, J. M. G. *Mondo et autres histoires*. Paris: Gallimard, Folio plus Classiques, 2006. pp. 08-74.

EVARD, F. et TENET, E. *Mondo. Jean-Marie Le Clézio*. Coll. Parcours de Lecture. Paris: Bertrand-Lacoste, 1994.

KONATE, C. E. "Le texte en perspective". In *Mondo et autres histoires*. Paris: Gallimard, Folio plus Classiques, 2006. pp. 08-74.